

madeira. ♦ **Pau-pacobala**: V. *Pacobala*. ♦ **Pau-papel**: Designação brasileira da *Tibouchina papyrifera* Cogn., ou *Lasiandra papyrifera* St. Hill. (V. *Árvore-do-papel*). ♦ **Pau-paraíba**: V. *Paraíba*. ♦ **Pau-para-tudo**: Planta da floresta brasileira, também chamada *casca-de-anta* e *chapada*. ♦ **Pau-pedra**: Planta brasileira leguminosa. ♦ **Pau-pente**: Planta brasileira também chamada *folha-de-bolo*. ♦ **Pau-pereira**: Designação brasileira da *Picramnia ciliata* Mart., pequena árvore da família das simarubáceas, a que são atribuídas propriedades medicinais. ♦ **Pau-pereiro**: O mesmo que *pau-pereira*. ♦ **Pau-pernambuco**: V. *pau-brasil*. ♦ **Pau-pêssego**: Certa árvore da ilha de S. Tomé. ♦ **Pau-piaçaba**: O mesmo que *piaçaba*. ♦ **Pau-pimenta**: Planta brasileira, também chamada *canela-branca*. ♦ **Pau-pobre**: Planta brasileira, também chamada *farinha-seca*. ♦ **Pau-podre**: Planta euforbiácea brasileira. ♦ **Pau-pombo**: V. *Fruteira-de-pomba*. ♦ **Pau-ponte**: Planta brasileira, também chamada *tipuíú*. ♦ **Pau-porco**: Árvore brasileira, também chamada *pau-de-porco*. ♦ **Pau-precioso**: V. *Casca-preciosa*. ♦ **Pau-preto**: Designação atribuída em S. Tomé a duas árvores: a *Heisteria parviflora* Sm. (V. *Nonó*) e a *Polyalthia Oliveri* Engl. (V. *Inhé-preto*). ♦ O mesmo nome é dado no Brasil ao *Eupatorium ballotaefolium* H. B., et K. (V. *Maria-preta*). ♦ **Pau-preto-do-sertão**: Árvore anacardiácea brasileira. ♦ **Pau-purga**: Designação tomense da *Croton draconopsis* Mull. Arg., da família das euforbiáceas, subfamília das crotonóideas, tribo das crotonéas, provavelmente introduzida em S. Tomé. (V. *Cróton*). ♦ **Pau-quássia**: Lenho incompletamente descorticado da quássia-amarga, o qual é de sabor muito amargo e tem aplicações medicinais. ♦ **Pau-quente**: Grande árvore da flora brasileira. ♦ **Pau-quicongo**: V. *Quicongo*. ♦ **Pau-quime**: O mesmo que *pau-caixão*. ♦ **Pau-rainha**: Nome vulgar brasileiro do *Centrolobium paraense* Tul., árvore leguminosa da subfamília das papilionadas, tribo das dalbergíneas, que dá madeira para construção civil. ♦ **Pau-rei**: Designação brasileira da *Sterculia striata* A. St. Hill., árvore da família das esterculiáceas, tribo das esterculiáceas. ♦ **Pau-rosa**: Nome vulgar brasileiro da *Physocalyma scaberrimum* Pohl., árvore da família das litráceas, tribo das lítreas, que produz madeira muito apreciada, castanho-avermelhada, com veios amarelados, muito dura e de belo aspecto, empregada em marcenaria de luxo. O mesmo nome é dado à *Dalbergia cearensis* Ducke., árvore leguminosa da subfamília das papilionadas, tribo das dalbergíneas, de madeira muito aromática. ♦ **Pau-rosado**: V. *pau-brasil*. ♦ **Pau-rosa-do-amazonas**: Árvore rosácea brasileira. ♦ **Pau-rosa-do-oiapoque**: Árvore laurácea brasileira. ♦ **Pau-rosa-fêmea**: Planta brasileira, também chamada *caraná-branca*. ♦ **Pau-roxo**: O mesmo que *guarabú*. ♦ **Pau-roxo-da-catinga**: Certa árvore brasileira. ♦ **Pau-roxo-da-terra**: Árvore leguminosa brasileira. ♦ **Pau-roxo-do-campo**: Arbusto brasileiro. ♦ **Pau-sabão**: Designação dada em S. Tomé à *Dracaena arborea* (Willd.) Link, árvore da família das liliáceas, subfamília das dracenóideas, tribo das dracênneas, frequentemente usada para marcar limites, mas parecendo ser espontânea na ilha. ♦ **Pau-salgado-macho**: Certa árvore da Índia. ♦ **Pau-sândalo**: Árvore santalácea, também chamada *sândalo-branco*. ♦ **Pau-sangue**: Nome vulgar em S. Tomé da *Harungana madagascariensis* Lam., pequena árvore ou arbusto da família das gutíferas, subfamília das hipericóideas, tribo das vimieas (v. também *Mutue*). ♦ Nome dado na Guiné Portuguesa ao *Ptero-*

*carpus erinaceus*: «...acocorados no chão, em esteiras, ou sentados em tripeças de *pau-sangue*, tratam de apalar o calor...», João Augusto, *África*, p. 68. ♦ **Pau-santo**: Nome vernáculo da *Zollernia paraensis* Hub., árvore leguminosa da subfamília das cesalpinióideas, tribo das esvartziéas, também designada *miurapinima* (v. também *Jacarandá*). É produtora de madeira apreciadíssima para marcenaria artística. ♦ **Pau-santo-macaco**: Certa árvore brasileira da Amazônia. ♦ **Pau-sassafráz**: Árvore medicinal laurácea. ♦ **Pau-sassafráz-da-serra**: Planta também chamada *canela-sassafráz-da-serra*. ♦ **Pau-seringa**: V. *Seringueira*. ♦ **Pau-serrote**: Designação brasileira da *Hoffmannseggia glandulosa* Willd., árvore elevada da família das leguminosas, subfamília das cesalpinióideas, tribo das eucsalpiniéas, cujo fumo da madeira irrita os olhos. ♦ **Pau-sujo**: Planta da Índia Portuguesa, mais conhecida por *pau-de-merda*. ♦ **Pau-tacula**: V. *Tacula*. ♦ **Pau-tartaruga**: Planta brasileira, também chamada *muirapinima*. ♦ **Pau-tatu**: Árvore brasileira, que fornece madeira preciosa para marcenaria. ♦ **Pau-terra**: Designação brasileira da *Qualea cordata* Spreng., árvore mediana da família das voquisiáceas, ornamental de flores grandes brancas e amarelas. O mesmo que *peroba-do-cerrado*: «...por entre árvores já conhecidas, como caimbés, ... vinháticos e perobas-do-cerrado, o *pau-terra*, Gastão Cruis, *A Amazônia que Eu Vi*, p. 194. ♦ **Pau-terra-do-mato**: Nome vulgar brasileiro da *Qualea pilosa* Warm., árvore mediana de flores amarelas, riadas de vermelho. ♦ **Pau-terra-grande**: Designação atribuída no Brasil à *Qualea grandiflora* Mart., árvore ornamental. ♦ **Pau-tocado**: Planta labiada brasileira. ♦ **Pau-triste**: Certa árvore de Timor. ♦ **Pau-trombeta**: V. *Imbaíba*. ♦ **Pau-tucano**: O mesmo que *caixeta* (v.). ♦ **Pau-vaca**: V. *Sorveira*. ♦ **Pau-vala**: Designação em S. Tomé da sapindácea *Allophylus africanus* Beauv., árvore largamente espalhada na África tropical. ♦ **Pau-velho**: Árvore leguminosa brasileira, também chamada *guapicobaíba*. ♦ **Pau-vermelho**: Planta brasileira morácea. ♦ **Pau-violeta**: Árvore leguminosa do Brasil. ♦ **Pau-visgo**: Designação brasileira da *Kickxia africana* Benth., árvore da família das apocináceas, subfamília das equitóideas, tribo das equitóideas, produtora de borracha, de qualidade inferior. ♦ **Pau-zebra**: O mesmo que *aroeira-do-campo*, no Brasil.

CONSTR. **Pau de fileira**: Elemento das armações dos telhados que, conjuntamente com o *frechal* e *madres*, constitui o vigamento de suporte às varas e ripado. Consiste numa viga colocada horizontalmente sobre os vértices superiores das asnas, e que corresponde ao espigão do telhado. ♦ **Pau-de-quadra**: Qualquer pau facetado nas quatro faces, embora seja tosco o facetamento. (Cf. Leitão, *Construções*, p. 100).

COREOGR. **Dança dos paus**: V. *Pauliteiro*, *Miranda do Douro e Dança*.

DESP. **Jogo do pau**: Esgrima característica portuguesa, há mais de dois séculos praticada pela gente do povo em algumas províncias, com o varapau, arma natural de que dispunha e que em princípios do século passado foi introduzida nos meios desportivos da capital por José Maria Silveira, conhecido pelo Saloio e a quem Eduardo Noronha se refere no seu livro *O Último Marquês de Nisa*. A arma usada no *jogo do pau* é uma vara de lodão, de 1,50 m. de comprimento aproximado (posto apurado no solo, a extremidade superior deve rasar a altura da boca do jogador), que se empunha, conforme as escolas, pelo mais grosso ou mais delgado. Nada existe sobre a história deste jogo em Portugal, cuja bibliografia se resume ao

trabalho de Frederico Hopffer, *O Jogo do Pau*; conhecem-se, no entanto, três escolas: a do Norte (Minho e Trás-os-Montes), conhecida pelo nome de galega; a do Ribatejo, ou pataleira (de Pataios) e a de Lisboa. Esta última nasceu nos quintais dos arrabaldes lisboetas, onde nortenhos se distraíam jogando o *pau* e teve como principal animador Domingos Salreu. Foi, porém, o Saloio o mestre que a regulamentou e lhe deu personalidade, disciplinando os princípios das outras escolas e transformando o que era apenas uma forma de combate em verdadeiro desporto. A característica da escola galega é o grande alcance dos seus golpes de ponta e nos rebates, executados geralmente só com uma mão; a escola ribatejana é muito aparatosa, mas perigosa, pois os adversários se batem a muito curta distância. A escola de Lisboa deu maior segurança ao jogo, organizando o sistema defensivo e fez dele excelente exercício, pondo em actividade todos os sectores do corpo. O sucessor de José Maria Silveira o Saloio foi Pedro Augusto da Silva, o primeiro professor do Ginásio Clube Português, a quem sucederam Artur Santos, Frederico Hopffer e, na actualidade (1949) Domingos Miguel. Muitos foram os amadores de mérito, consagrados nos célebres saraus do Ginásio, e entre eles citam-se: Pedro Canas, Bernardo Freire, Carlos Relvas, Jaime Farinha, dr. Moura Pinheiro, dr. César de Melo, D. José Perdigão, dr. Salazar Carreira, Francisco Costa, Arnaldo Ressano Garcia, Carlos Mártires, etc. Da terminologia própria ao *jogo do pau*, destacamos os termos seguintes, mais usados: *corte*, pancada destinada a prejudicar activamente o efeito de outra pancada do adversário (arresto); *guarda de espera*, posição em que se espera a acção do adversário, pronto a qualquer eventualidade, defensiva ou ofensiva; *pancada arrepiada*, aquela que é dada de baixo para cima; *parada*, defesa oposta a cada pancada do adversário; *ponta ou pontuada*, golpe despedido com a ponta do *pau* ao corpo do adversário; *rebate*, pancada em que o *pau* descreve, antes de atingir o adversário, um círculo por sobre a cabeça ou em torno do pulso do jogador; *sarilho*, combinação de evoluções circulatorias do *pau*, ou do jogador com o *pau*, destinada a evitar a aproximação do ou dos adversários; os sarilhos eram o processo usado pelos afamados varredores de feiras; *varrer pancadas*, opôr à pancada adversária outra lançada em sentido inverso. ♦ **Jogo do pau-ferro**: Desporto da Terra Quente, Trás-os-Montes, que consiste em ver quem consegue lançar mais longe uma alavanca simples, de ferro, com uma ou duas pontas aguçadas, que recebe o nome de *pau-ferro*. (Cf. Montalvão Machado, *A Louca de Valpaços*, gloss.). É uma espécie de jogo do dardo. **Jogo dos paus**: Em Trás-os-Montes jogo entre dois indivíduos que de certa distância atiram cada um uma bola a nove *paus* colocados numa *casa* em três linhas paralelas, ganhando o que primeiro fizer quarenta tentos, e sendo contadas por dez tentos todas as boladas que fizeram sair os *paus* das raias que limitam o campo do jogo. (As distâncias a que os jogadores devem atirar é marcada por duas malhas equidistantes da *casa*, sendo chamada uma a *malha de baixo* e outra a *malha de cima*; atirando-se da malha de baixo, a contagem dos tentos só se faz quando a bola passa a raia ou bate na malha de cima). (Cf. Pereira Lopo, *Arqueologia Portuguesa*, XIII, p. 252).

NAUT. **Pau-da-giba**: Mastaréu que gurne pelo aro do *pau* da bujarrona, tendo o extremo inferior peado para o mesmo *pau*. Sobre este *pau* fica a giba. ♦ **Pau-das-costas**: *Pau* assente sobre o maciço do beque e ligado à roda de proa pela curva do papa-moscas. ♦ **Pau-das-**

**-donzelas**: *Pau* com molhelhas colocado horizontalmente no costado, um pouco acima da linha de água, por baixo do portaló, sem escada de madeira. ♦ **Pau-de-atracação**: *Pau* com molhelhas, peado horizontalmente para os turcos, servindo para atracar a embarcação quando içada. ♦ **Pau-de-bandeira**: Haste onde se iça a bandeira. ♦ **Pau-de-borda**: Tábua disparada normalmente ao costado, cerca de metro, a meio navio e a sotavento da embarcação, a fim de a tornar mais barlaventeadora e de atenuar o seu rolar. ♦ **Pau-de-botões**: *Pau* cilíndrico, de cerca de meio metro, com um rebaixo num dos extremos e um furo pelo lado de cima. Serve para passar e socar botões de arame. ♦ **Pau-de-bujarrona**: Mastaréu que emecha na pega do gurupés e sobre o qual se iça a bujarrona. ♦ **Pau-de-carga**: Madeiro grande e forte que nos navios serve para elevar fardos para serem acondicionados no porão, etc. ♦ **Pau-de-escovém**: Baliza de escovém, peça de madeira que fecha completamente a proa do navio. ♦ **Pau-de-fileira**: Viga de madeira no plano longitudinal do navio, elevado sobre o pavimento, destinada a aguentar o toldo. (As varas laterais, apoiadas nos ferros dos toldos e no *pau-de-fileira*, completam a armação que sustenta o toldo, recebendo cada uma delas o nome de *varedo*; em vez de *pau-de-fileira* usam-se, às vezes, cabos de arame). ♦ **Pau-de-pica-peixe**: *Pau* colocado verticalmente na parte inferior do gurupés, e que serve para segurança dos *paus* da bujarrona e da giba. ♦ **Pau-de-serviola**: Cada um dos dois *paus* que, podendo colocar-se normalmente ao costado do navio e tendo aparelho próprio para lhes dar movimento em qualquer sentido, servem para amarrar as embarcações quando o navio está fundeado (antigamente servia também para caçar a varredoura). ♦ **Pau-do-patarraz**: O *pau* que, apoiado nas mesas do traquete, serve para tirar a âncora da posição vertical, suspendendo-a pelas patas. ♦ **Pau-real**: Nos estaleiros de construção naval, nome dado a um madeiro grosso, comprido, são e sem nós, próprio para um bom mastro. Mastro real. ♦ **Paus-da-corriola**: *Paus* que de um e outro lado, avante das mesas do traquete, laboram sobre um pé-de-galinha, servindo de amurar a varredoura, quando o navio veleja, ou para ancorar botes e escaleres, quando se está fundeado. ♦ **Paus-da-roda**: Conjunto dos madeiros que formam a roda da proa. ♦ **Paus-de-amura**: Cada um dos *paus* que saem pelas amuras e que servem para amurar o traquete. ♦ **Paus-de-cachimbo**: Os extremos do tabuado do fundo, ou seus suplementos, que terminam no gio grande. ♦ **Paus-de-combate**: Varas que se elevam por ante a ré dos mastaréus, mochos, do joanete ou de sobre, descansando sobre a pega dos mesmos, de onde emecham, e espigando num aro de ferro, fixo no topo superior do mastaréu mocho. ♦ **Paus-de-cunhos**: Cabeços que se elevam à proa, e por entre os quais se alam espias. ♦ **Paus-de-cutelo**: *Paus* que servem de suplemento às vergas de papafigos e de gávea, prolongando-se por ante e vante das vergas no sentido do comprimento destas e passando pelos aros de ferro que as vergas têm nas extremidades. (Nestes *paus* largam-se pequenas velas, espécie de suplemento às gáveas e joanetes, quando o vento é favorável, havendo os seguintes: *de gávea* (do velacho e da gávea) e *de joanete* (joanete de proa e joanete grande; a parte de fora do *pau* chama-se *lais*, e a de dentro, *pé*). ♦ **Paus-de-toldo**: O mesmo que *ferros de toldo*, pilares de ferro à borda do navio com disposição para receber o vergueiro do toldo, ou furos ou *paus* colocados à proa e à popa das embarcações para aguentar o respectivo toldo. ♦ **Paus-de-voga**: *Paus* colocados